

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

SAYONARA DA SILVA HENRIQUE

**CONHECIMENTO DAS PARTURIENTES ACERCA DA VIOLÊNCIA
OBSTÉTRICA NO BRASIL**

Juazeiro do Norte – CE

2023

SAYONARA DA SILVA HENRIQUE

**CONHECIMENTO DAS PARTURIENTES ACERCA DA VIOLÊNCIA
OBSTÉTRICA NO BRASIL**

Monografia apresentada á coordenação do Curso de graduação em Enfermagem do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO), como requisito para obtenção do grau Bacharelado em Enfermagem.

Orientador:Prof. Allya Mabel Dias Viana

Juazeiro do Norte – CE

2023

SAYONARA DA SILVA HENRIQUE

**CONHECIMENTO DAS PARTURIENTES ACERCA DA VIOLÊNCIA
OBSTÉTRICA NO BRASIL**

Monografia apresentada á coordenação do
Curso de graduação em Enfermagem do Centro
Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO),
como requisito para obtenção do grau
Bacharelado em Enfermagem.

Orientador: Prof. Esp. Allya Mabel Dias Viana

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Allya Mabel Dias Viana
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

Prof. Me. Maria Jeanne de Alencar
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio
1ª Examinador

Prof. Me. Ana Érica de Oliveira Brito
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio
2ª Examinador

Dedico este trabalho a minha família, em
especial a minha vó Maria Helena
Alexandre (*in memória*) por todo apoio e
carinho em todos os momentos dessa
jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus, por tudo que me permitiu viver até aqui, por sua proteção e auxílio na ultrapassagem de todos os obstáculos encontrados ao longo dessa jornada. Foram cinco anos de muita dedicação, alegria e renúncias, às quais Ele me deu força e coragem para não desistir.

Agradeço imensamente a minha família por todo apoio, aos meus avós Maria Helena Alexandre e Raimundo Henrique Alexandre, em especial a minha vó, obrigada por tudo que a senhora fez por mim, pelas noites que só ia dormir quando eu chegava da faculdade, por todo amor e apoio que proporcionou, sou eternamente grata e sei que apesar de não estar mais entre nós fisicamente, sempre estará em meu coração e vai ser a minha maior inspiração. Te amo!

Agradeço a minha mãe Sandra Maria da Silva que sempre me incentivou e a meu irmão Anderson Rodrigues que mesmo de longe sempre me ajudou ao longo dessa trajetória. As minhas tias Ana Cleide Alexandre e Clara Maria Alexandre por toda força que me deram ao longo dessa trajetória.

Ao longo do curso Deus me permitiu conhecer pessoas a qual tenho um imenso carinho e não poderia deixar de agradecer a cada uma delas, em especial a Maria do Carmo que sempre esteve ao meu lado e não me deixou desistir do curso quando eu estava passando pelo momento mais difícil da minha vida. Agradeço a minha duplinha Raryssa Moraes que sempre está ao meu lado em tudo, e as minhas amigas Adalgisa Gosta, Misseia Manuela e Maria Nayslania, e ao meu amigo Rogério Bezerra que sempre me ajudou nos estudos.

Agradeço com ternura a minha orientadora Allya Mabel Dias Viana, por toda dedicação para realização desse trabalho, sem a sua ajuda não seria possível concretizar esta pesquisa, a você minha eterna gratidão. A minha banca examinadora Maria Jeanne de Alencar e Ana Érica de Oliveira Brito por aceitarem o convite e pela grande contribuição que veio abrilhantar mais ainda a pesquisa. A todos os professores e coordenadores do curso de enfermagem pelos ensinamentos. Agradeço a todas as pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso que mim incentivaram e que certamente tiveram impacto para minha formação acadêmica.

*Consagre ao senhor tudo o que você faz, e os
seus planos serão bem-sucedidos.
(Provérbios 16:3)*

RESUMO

A Violência obstétrica é caracterizada por ações que possa gerar danos á integridade da mulher, podendo esta ser classificada em física, mental e institucional, acarretando danos psicológicos gravíssimo para a mulher no período de parturição. Entretanto a violência não ocorre apenas no momento do parto, podendo acontecer em todo o processo assistencial da mulher, desde a gravidez, parto, puerpério e nos casos de aborto. O estudo objetivou analisar a ocorrência da violência obstétrica no Brasil e o papel do profissional de Enfermagem no auxílio da mulher e na dedicação de conhecimentos socioeducativos, tendo como ojetivos específicos: conhecer acerca da violência obstétrica e os principais tipos, expor as ações educativas e assistência de enfermagem a fim de evitar violência obstétricas e analisar o conhecimento das parturientes acerca da violência obstétrica. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura através do levantamento bibliográfico nas bases de dados Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados em Enfermagem (BDENF) todas por meio do cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde (DECS), com o operador booleano AND:violência obstetrica,assistência de enfermagem e educação, no período temporal entre os anos de 2018 a 2023. Obtendo assim 342 artigos, porém apenas 15 compuseram o estudo. A análise deu através leitura minuciosa do material selecionado, posteriormente organizado em quadro e discutido de acordo com as categorias temáticas: violências obstétricas praticado por profissionais durante parto; assistência de enfermagem para a prevenção da a violência obstétrica e as lacunas existentes e conhecimento de parturientes sobre a violência obstétrica. Percebendo assim que a violência obstétrica pode ser causadas por assistência desqualificada de qualquer profissional da saúde, em diferentes fases do ciclo gravídico, parto e puerpério. Sendo esta violência obstétrica despercebida e/ ou desconhecida pela mulher. Diante disso é essencial que ocorra mudança significativa na assistência prestada a gestante e parturiente, proporcionando que a mulher seja a protagonista de sua história. Os enfermiros devem ser capacitados e honre o juaramento á profissão, deter capacidade de prestar assistência holística baseada sobre tudo em evidências científicas que possibilitem à troca de informações precisas e seguras, incentivando ações educativas que abordem diferentes temas focados em especial a violência obstétrica, a fim de evitar aumento de casos e complicações devido as mesmas. O estudo pretende despertar a humanescencia nos profissionais de saúde para a importância de uma assistência obstétrica qualificada e sem violência.

Palavras-chave: Violência obstétrica. Assistência de Enfermagem. Educação.

ABSTRACT

Obstetric violence is characterized by actions that can cause damage to the integrity of women, which can be classified into physical, mental and institutional, causing serious psychological damage to women in the period of parturition. However, violence does not occur only at the time of delivery, but can occur throughout the woman's care process, from pregnancy, childbirth, puerperium and in cases of abortion. The study aimed to analyze the occurrence of obstetric violence in Brazil and the role of the nursing professional in helping women and dedicating socio-educational knowledge, having as specific objectives: to know about obstetric violence and the main types, to expose the educational actions and nursing care in order to avoid obstetric violence and to analyze the knowledge of parturients about obstetric violence. This is an integrative literature review through the bibliographic survey in the databases Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), Nursing Database (BDENF) all through the crossing of the Descriptors in Health Sciences (DECS), with the Boolean operator AND: obstetric violence, nursing care and education, in the time period between the years 2018 to 2023. thus obtaining 342 articles, but only 15 composed the study. The analysis took place through a thorough reading of the selected material, later organized into a table and discussed according to the thematic categories: obstetric violence practiced by professionals during childbirth; nursing care for the prevention of obstetric violence and the existing gaps and knowledge of parturients about obstetric violence. Realizing that obstetric violence can be caused by unqualified assistance from any health professional, in different phases of the pregnancy cycle, childbirth and puerperium. This obstetric violence is unnoticed and/or unknown by the woman. Given this, it is essential that there be a significant change in the care provided to pregnant and parturient women, providing that women are the protagonists of their history. The sick must be trained and honor the right to the profession, have the ability to provide holistic care based above all on scientific evidence that allows the exchange of accurate and safe information, encouraging educational actions that address different themes focused on specific obstetric violence, in order to avoid an increase in cases and complications due to them. The study aims to awaken the humaneness in health professionals to the importance of a qualified obstetric care and without violence.

Keywords: Obstetric violence. Nursing Care. Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BDENF	Base de Dados em Enfermagem
CEDAW	Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher
CE	Ceará
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
COREN	Conselho Regional de Enfermagem
CRM	Conselho Regional de Medicina
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
Dr.	Doutor
Enfa	Enfermeira
Esp	Especialista
et al	E outros
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEDLINE	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
MeSH	Medical Subject Headings
MsC	Mestre
OMS	Organização Mundial da Saúde
Profa	Professora
SciELO	Scientific Electronic Library Online
UNILEÃO	Centro Universitário Dr. Leão Sampaio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1 VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E SUA TIPIFICAÇÃO	13
3.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA	14
3.3INFORMAÇÕES SOCIOEDUCATIVAS	15
4 METODOLOGIA	18
4.1 TIPO DE PESQUISA	18
4.2 FORMULAÇÃO DA QUESTÃO NORTEADORA	18
4.3 PERÍODO DA COLETA	18
4.4 BASES DE DADOS E BIBLIOTECA PARA BUSCA	18
4.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DA AMOSTRA.....	19
4.6 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	19
4.7 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS.....	19
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

O processo de gestação e o parto são momentos amplamente importantes para a mulher, sendo um dos principais de sua vida. Com isso, os cuidados devem ser inúmeros, de forma em que a puérpera não se sinta desamparada nesta ocasião delicada que demanda atenção e empatia. O profissional de Enfermagem, atuando de maneira holística, deve observar a mulher com sua totalidade e singularidade, a fim de que a assistência seja realizada com os procedimentos técnicos adequados e também humanização (SANDIM, 2017).

A Humanização no âmbito da saúde traz a preocupação direta com o bem-estar do paciente, atendendo para além das questões clínicas preexistentes. Cabe ao Enfermeiro identificar todas as necessidades do indivíduo, intervendo de forma gentil e acolhedora, educando quando possível. Em suma, todos os profissionais desta área deviam ter seu atendimento baseado neste pressuposto tão importante para a coletividade, no entanto, é de conhecimento majoritário que esta não é uma realidade (CARREIRO; ANDRADE, 2022).

A experiência do parto, que em tese deveria ser um momento de alegria e felicitação, em muitas situações torna-se um episódio traumático. Comumente há ocorrência de casos em que as mulheres afirmam sentimentos de agressão e desrespeito com sua integridade, no que se refere aos profissionais da saúde que agem em desconformidade com a lei, a moral e os bons costumes, tema que é definido como Violência Obstétrica (SILVA, 2020).

De maneira simplificada, a Violência Obstétrica são ações que geram danos à integridade da mulher, de maneira física, mental e institucional. Diferente do que muitos acreditam, esta violência não ocorre apenas no momento do parto, podendo acontecer em todo o processo assistencial da mulher – desde a gravidez, até o parto, puerpério e em casos de aborto. Percebe-se que diante desta há lacunas educativas consideráveis acerca da compreensão e identificação da problemática por parte da mulher (MARQUES, 2020).

De acordo com a Fundação Perseu Abramo, uma em cada quatro mulheres já sofreram violência obstétrica – 25% dos casos. Além disso, conforme entendimento do Relatório das Nações Unidas, nos últimos vinte anos os profissionais da saúde utilizam frequentemente métodos ultrapassados para justificar ações desrespeitosas e invasivas. É indispensável compreender que este tipo de violência configura afronta aos direitos humanos, haja vista que é uma completa violação aos direitos da mulher e a sua integridade (RODRIGUES, 2022).

Partindo do que é observado nos dados oferecidos em momento anterior, e levando em consideração o grau da problemática, o presente estudo reúne uma série de informações com o

intuito de responder ao seguinte problema de pesquisa: Por que a Violência Obstétrica no Brasil é tão abrangente? Qual é a lacuna existente que impede o oferecimento da denúncia?

A escolha da temática justifica-se pelo interesse da pesquisadora em relação à Saúde da Mulher e aos perigos que este público enfrenta na sociedade. Devido ao fato de que a maioria possui pouco ou quase nenhum conhecimento acerca da Violência Obstétrica, caso este que por muito aparece despercebido pelas mulheres e por os próprios profissionais da área.

É extremamente relevante proceder esta discussão, haja vista que o público feminino sempre encontra-se em posição de risco na sociedade, inclusive em um ambiente em que tecnicamente deveria ser oferecida atenção, cuidado e segurança. Em função deste fato, o objetivo central do presente estudo é justamente estabelecer uma análise de incidência acerca da Violência Obstétrica no Brasil, contribuindo para que profissionais da saúde e acadêmicos foquem nos direitos da mulher, na assistência da saúde e nas lacunas socioeducativas que envolvem esta problemática tão nociva para o público feminino no território nacional.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVOS GERAIS

Analisar a ocorrência da Violência Obstétrica no Brasil e o papel do profissional de Enfermagem no auxílio da mulher e na disseminação de conhecimentos socioeducativos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer acerca da violência obstétrica e os principais tipos.
- Expor ações educativas e assistência de enfermagem a fim de evitar violência obstétricas
- Demonstrar o conhecimento das parturientes a cerca da violência obstétrica.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E SUA TIPIFICAÇÃO

De maneira simplificada, a violência obstétrica ocorre diante da prática de procedimentos ou condutas que trazem o desrespeito e agressão ao público feminino durante a gestação, pré-natal, parto, nascimento ou pós-parto. Esta agressão pode ocorrer de forma psicológica, física, verbal ou sexual. Na maioria das vezes este crime é cometido por profissionais da saúde que prestam atendimento durante este período (MENEZES et al, 2020).

A violência obstétrica física ocorre quando são realizadas ações no corpo da mulher que geram danos ou dores, exemplo disso é a prática de episiotomia, corte cirúrgico na vagina para ampliar o canal do parto. A violência psicológica acontece quando o profissional atua verbalmente ou de maneira comportamental resultando em um sentimento de inferioridade por parte desta mulher, que já se encontra em posição de delicadeza (RIBEIRO et al., 2018).

Sexualmente, a violência obstétrica é percebida quando existe uma ação imposta contra a mulher, violando sua intimidade e pudor, seja mediante ou não ao acesso dos seus órgãos sexuais. Em suma, esta ocorrência absurda desrespeita não só os direitos humanos das mulheres de sua prole, mais também os direitos humanos da pessoa como paciente, que tecnicamente deveria receber o amparo dos profissionais, e não violência (LEAL et al., 2018).

O Brasil é signatário de certas convenções internacionais que trazem à tona o respeito e proteção à integridade da mulher, bem como sua segurança no seio social. As principais interpostas neste sentido são: a Declaração Sobre a Eliminação da Discriminação Contra Mulher (1967), a Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher – CEDAW (1979), a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará, 1994), e a Declaração sobre a Erradicação da Violência Contra a Mulher (1993) (PIMENTEL, 2022).

Infelizmente, o Brasil não possui uma lei federal focalizada para este tipo de violência, no entanto, cerca de 18 estados trazem em suas legislações apontamentos sobre este tema, mas devido a ausência de tipificação no Código Penal, as prisões ficam impossibilitadas. Vejamos a seguir uma consideração jurisprudencial a respeito da premissa:

Regional da República, Sérgio Lauria Ferreira, representante do Ministério Na última terça-feira (04/12/18), em audiência realizada no Tribunal Regional Federal da 3ª Região (TRF3), o Procurador Público Federal (MPF), reconheceu a violência obstétrica como um tipo de violência sexual contra a mulher. Tal fato se deve ao interesse do MPF em impor regras para incentivar o parto normal e humanizado diante dos altos índices de cesarianas realizadas no Brasil, bem como o intuito de

discutir o assunto em audiências públicas, promovidas pela desembargadora federal Consuelo Yoshida para fazer valer o acesso da mulher e da criança a um nascimento respeitoso.

Como visto, a jurisprudência passa a reconhecer o crime como um exemplo de violência contra a mulher. É visível que perante esta problemática ainda existe uma falta de reconhecimento majorante, onde as mulheres sequer reconhecem quando existe violação, posto que na maioria das vezes isto acontece de maneira extremamente velada, e por isso, muitas delas requerem a presença de um acompanhante durante o parto (ALVES, 2018).

De acordo com Pessali (2018):

Desde 2005 há no Brasil a Lei Federal 11.108, que garante à parturiente o direito de ter um acompanhante de sua livre escolha na hora do parto e pós parto. A escolha é da mulher, que pode optar pelo marido, por uma irmã, pela mãe ou qualquer outra pessoa de sua confiança. A presença de acompanhante é fundamental para evitar a violência obstétrica, garantindo acolhimento e segurança à mulher no momento do parto.

Deve-se compreender que perante a gestante é cabível o tratamento mais humanizado possível, de maneira que seja evitável condutas degradantes ou de tortura. O profissional deve-se ater a melhor assistência possível, de modo que todos os anseios, preocupações e medos sejam assistenciados neste momento (MENEZES et al., 2020).

3.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

De acordo com a Organização Mundial da Saúde através de um levantamento em trinta e sete países, foram exemplificados que os principais tipos de violência obstétrica são:

- Abuso físico (bater ou beliscar, por exemplo)
- Abuso sexual
- Abuso verbal (linguagem rude ou dura)
- Discriminação com base em idade, etnia, classe social ou condições médicas
- Não cumprimento dos padrões profissionais de cuidado (por exemplo, negligência durante o parto)
- Mau relacionamento entre a gestante e a equipe (falta de comunicação, falta de cuidado e retirada da autonomia)
- Más condições do sistema de saúde (falta de recursos) (DEUS, 2022)

A maioria das violências obstétricas ocorrentes em momento hodierno tratam-se de procedimentos realizados pela equipe médica. A episiotomia é um exemplo disso, sendo este um corte realizado entre a vagina e o ânus para facilitar a passagem do bebê durante o parto. De acordo com a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia, apesar desta técnica ser amplamente utilizada para evitar o rompimento da pele, não deve ser praticada de maneira rotineira, haja vista suas complicações (SANTANA; CORRÊA, 2020)

O ponto do marido é outro tipo de agressão, que se refere a sutura realizada após a episiotomia, para deixar a entrada da vagina mais estreita quando comparada anteriormente. Recebe esta denominação porque o ponto é feito a fim de proporcionar maior prazer para o

homem durante a relação sexual, mas que em contraponto ocasiona em dores e desconfortos para a mulher, configurando-se assim este tipo de violência (FALCÃO, 2021).

A manobra de kristeller é o ato de pressionar a parte superior do útero para que a saída do bebê seja mais rápida, ato este que pode ocasionar em traumas para ambos os sujeitos. Simplificadamente, essa violência acarreta lacerações graves no períneo, deslocamento na placente, dor abdominal, ruptura dos órgãos, entre outros. Esta técnica é proibida pela Organização Mundial da Saúde – OMS (NERY; LUCENA, 2018).

Em relação aos fatores psicológicos, o que mais ocorre é evitar que a mulher grite ou se expresse, além dos impedimentos referentes as suas vontades de trocar de posição e movimentar-se durante o parto. É mais do que devido que em caso de agressão ou violência, a mulher seja encaminhada para proceder com a devida denúncia, para que os casos não fiquem impunes e que outras mulheres passem pela problemática (SANTANA; CORRÊA, 2020).

A denúncia pode ocorrer no próprio hospital em que a mulher foi atendida, na secretaria de saúde municipal, nos conselhos de classe como o Conselho Regional de Medicina (CRM) ou Conselho Regional de Enfermagem (COREN), ou até mesmo relatando o caso através do 180 (Central de Atendimento à Mulher) ou 136 (Disque Saúde). Além da mera identificação dos casos, é necessário entender que todas as mulheres devem ser aconselhadas a denunciar os maus tratos na rede de saúde (DEUS, 2022).

3.3 INFORMAÇÕES SOCIOEDUCATIVAS

O enfermeiro possui um grande papel no emponderamento da mulher contra a ocorrência da Violência Obstétrica. É de conhecimento majoritário que é necessário o acompanhamento de uma equipe multiprofissional, que atenda todas as necessidades de maneira individualizada, para que todas as suas dúvidas sejam sanadas (ALVES, 2020).

De certo, as alterações fisiológicas em seu organismo são frequentes, e por isso, a atenção é imprescindível. O enfermeiro deve estar qualificado para a assistência integralizada, sobretudo perante seus maiores medos e dúvidas, porque são nesses momentos em que o aprendizado é mais absorvido. Superar os conhecimentos técnicos e dispor de humanização é o principal meio para livrar as mulheres dessa problemática tão hostil (DIAS et al., 2018).

Vejamos a seguir uma consideração de Alves (2020) no que concerne ao fato:

O enfermeiro deve estar preparado para ouvir as queixas, angustias, medos e preocupações das gestantes, sempre se articulando com outros serviços de saúde, conforme necessário, para fornecer dessa maneira, a integralidade da assistência (ALVES, 2020).

Através das normas e jurisprudências citadas, é direito da mulher a prestação de saúde e a punição á eventos de violência. O profissional deve sanar as dúvidas a fim de que os casos sejam evitados, e de que a mulher possa proceder com a denúncia. O emponderamento é firmado em primeiro momento através do direito de escolha, que se trata da opção da mulher em optar por o profissional e pelo melhor tratamento para si (POMPEU et al., 2017).

Além disso, o cuidado, a informação e o acompanhamento contínuo são eficazes para a amenização da problemática, fazendo com que a mulher adquira confiança e se sinta no controle de sua própria gestação. Para que isto ocorra, deverão ser interpostas atividades voltadas para a educação, de maneira que foquem não tão apenas nos aspectos relacionados aos exames, práticas e medicamentos, mas também a todo o necessário para a autonomia da mesma, como palestras, vídeos, livros voltados para esta problemática (ALVES, 2020).

Em primeiro momento é cabível a análise da situação econômica da gestante, bem como as informações encontradas diante dos casos de violência obstétrica, para averiguar a situação socioeducativa desta mulher em face deste fato. De certeza, poucas sabem desta ocorrência, e na maioria das vezes nem percebem quando acontece, como é o caso do ultimo caso nacional noticiado através dos jornais e veículos midiáticos (MENEZES et al., 2020).

No Rio de Janeiro, o médico anestesista Giovanni Quintella foi preso em flagrante por ter estuprado uma paciente durante o parto na cidade de São João de Meriti, no Hospital da Mulher Heloneida Studart. O caso aconteceu quando a vítima estava inconsciente, após ter sido anestesiada inúmeras vezes pelo próprio médico. O crime foi descoberto pelas enfermeiras e técnicas que desconfiaram da quantidade de analgésico (ALBERNAZ, 2022).

Durante o ato ilícito, Quintella importuna a paciente por trás de um pano que o separava do restante da equipe na sala de cirurgia. Neste momento, as enfermeiras já desconfiadas, resolvem filmar escondido o parto da mulher e descobrem o crime. A prisão do indivíduo foi realizada em flagrante com a utilização do vídeo, e o mesmo foi indiciado pela prática de estupro de vulnerável, com pena de 8 á 15 anos de reclusão (GHRINBERG, 2022).

Para evitar casos análogos, ou com outras características, é necessário informação. O machismo ainda encontra-se muito presente na sociedade, e a maioria das equipes de saúde são ainda compostas por o sexo masculino, fazendo com que muitas vezes as mulheres não sintam proximidade ou tenham medo de impor situações ou vontades próprias, principalmente as que não possuem apoio da parte paterna da relação anterior (POMPEU et al., 2017).

Mulheres negras, com baixa escolaridade, sem acompanhamento familiar ou paterno, são as mais propensas nestes casos, principalmente devido ao estigma, a falta de conhecimento e a solidão advinda do período da gravidez. A equipe multiprofissional deve

atuar de forma humanizada, para que a gestante não sinta o desespero e sofra com as consequências corporais e mentais produto da violência obstétrica (DIAS et al., 2018).

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura. Este é um método utilizado para reunir as considerações sobre um tema pré-determinado de maneira coordenada e abrangente, de forma que sejam incluídos diversos estudos que levantem as informações necessárias para a interposição dos resultados esperados pela pesquisa científica (SOUSA et al., 2019).

Para elaboração de uma pesquisa com este método, é essencial que o pesquisador realize seis etapas, sendo elas: identificar o tema; estabelecer critérios de inclusão e exclusão; selecionar os artigos, avaliar e incluir individualmente cada artigo, analisar e interpretar os estudos, e por fim apresentar a síntese da pesquisa (CERQUEIRA et al., 2018).

4.2 FORMULAÇÃO DA QUESTÃO NORTEADORA

Com a escolha do tema e o cabimento de dispor conhecimentos coletivos, surgiu diante do presente estudo a seguinte pergunta-problema: Quais os principais tipos de violência obstétrica praticados por profissionais durante o parto? Qual o cuidado de enfermagem para a prevenção da violência obstétrica e as dificuldades? Qual o conhecimento das parturientes sobre a violência obstétrica?

4.3 PERÍODO DA COLETA

O período de levantamento das informações ocorreu entre fevereiro e abril de 2023.

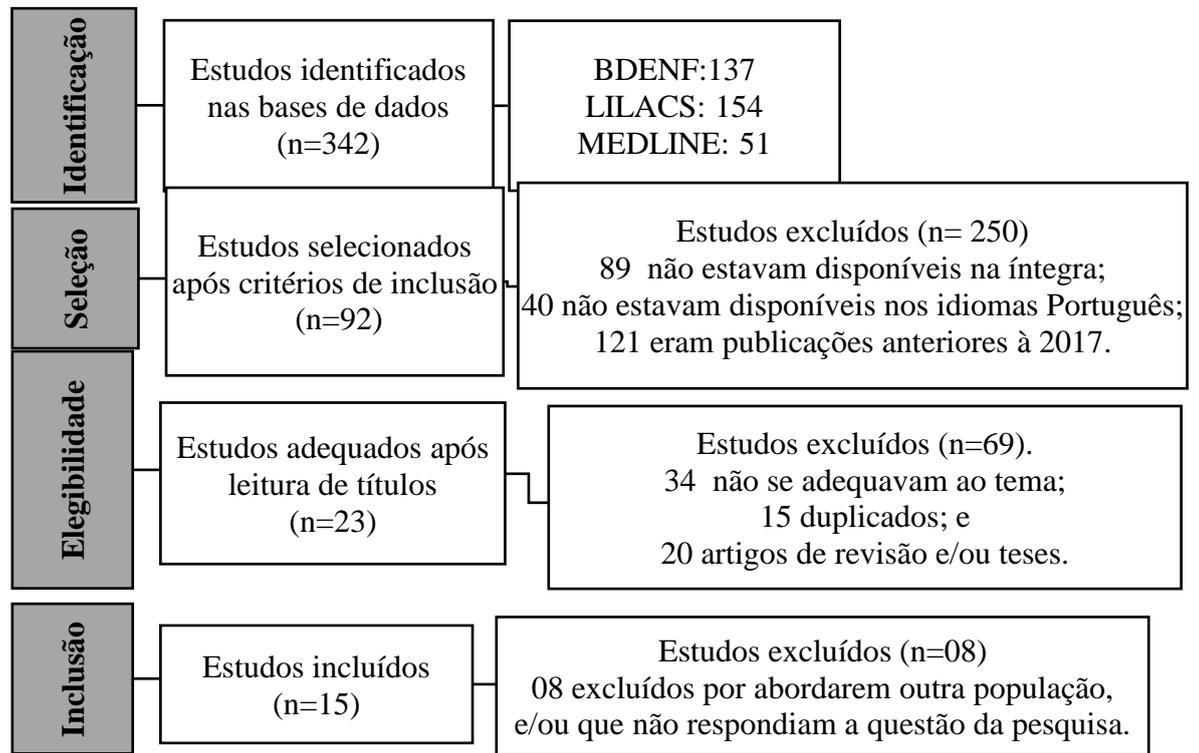
4.4 BASES DE DADOS E BIBLIOTECA PARA BUSCA

A procura pelas pesquisas científicas foi realizada através de dados eletrônicos, através das informações dispostas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados em Enfermagem (BDENF). Considerações da OMS e do Ministério da Saúde também foram imprescindíveis no momento de procura das informações do tema. Todas por meio do cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde (DECS), com o operador booleano AND: “Violência obstétrica”, “assistência de enfermagem” e “educação” sendo selecionado como período temporal entre os anos de 2018 a 2023.

4.5 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DA AMOSTA

Após a obtenção e aferição dos conteúdos trazidos pelos artigos, um dos critérios de inclusão foi a necessidade da pesquisa ser embasada em dados mais recentes, neste caso, datadas de 2018 á 2023, com no máximo cinco anos de sua publicação. Logo, quanto ao critério de exclusão, foram retiradas pesquisas antigas e desnecessárias para a pesquisa.

Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos de acordo com o *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA). Juazeiro do Norte - Ceará, Brasil. 2023.



Fonte: Pesquisa direta, 2023.

4.6 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para o processo de análise e avaliação crítica dos dados, foram realizadas leitura e releitura na íntegra dos artigos selecionados. Os estudos selecionados foram organizados em um quadro identificando o título, autores, ano de publicação, objetivos, metodologia e conclusões.

A interpretação dos dados se deu por uma discussão mais profunda com a literatura pertinente à temática. Os resultados foram apresentados em forma de texto descritivo, fundamentados na avaliação crítica dos estudos selecionados, assim expostos em categorias temáticas, agrupando e organizando os elementos coletado pelo pesquisador.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após coleta e análise dos dados, as informações apontadas pela literatura que atenderam os critérios de inclusão e exclusão adotados, foram reunidas e apresentadas em categorização dos estudos, através de quadros de apresentação e por meio de categorização temática.

Os artigos selecionados para a construção dos resultados foram dos anos de 2017 a 2023, assim detectando vasta bibliografia a cerca do estudo. Foram encontrados artigos que abordavam os cuidados e assistência de enfermagem a prevenção de violência obstétrica, os mais diversificados tipos de violência obstétrica praticado por profissionais de saúde desde o início da gestação até a parturiação e o conhecimento prévio da mulher acerca da violência e quais as medidas educativas que podem ser realizada.

A maioria das publicações está voltada para as diversificadas formas de violência obstétrica praticado por profissionais de saúde a mulher grávida, destacada em quase todos os artigos; a assistência de enfermagem a prevenção de violência obstétrica durante o parto e o conhecimento das mulheres acerca do assunto foram debatidos em 04 artigos, respectivamente.

De acordo com os critérios estabelecidos foram selecionados 15 artigos para a construção deste trabalho, a porcentagem destes por ano foram: 33,3% do ano 2019; 20% pertenciam ao ano de 2020, 2021 e 2022; respectivamente e apenas 6,7% dos anos 2018.

Parte dos estudos prevalece à abordagem do tipo qualitativo com 03 artigos e 01 quantitativo, os estudos utilizaram diferentes métodos de pesquisas tais como: 06 correspondiam ao método revisão de literatura/ integrativa; 02 transversal; 03 descritivo e 02 exploratório descritivo.

Após a estratégia de busca dos artigos, identificação, seleção, elegibilidade e inclusão, obteve-se um total de 15 estudos (E) que sintetizaram os principais achados que descreviam o conhecimento das parturientes acerca da violência obstétrica, apresentada a categorização dos artigos selecionados, conforme exposto no Quadro 2.

Quadro 1. Apresentação e categorização dos artigos incluídos na revisão integrativa. Juazeiro do Norte - Ceará, Brasil. 2023.

ART	TÍTULO	AUTOR/ ANO PERIODICO	OBJETIVOS	METODOLOGIA	RESULTADOS
E1	Cuidados de enfermagem na prevenção da violência obstétrica	MOURA et al., 2018. Enfermagem em foco.	Identificar, na literatura científica nacional, a assistência de enfermagem na prevenção da violência obstétrica.	Revisão integrativa da literatura, realizada entre os meses de maio a junho de 2017, nas bases de dados online Scientific Electronic Library Online (SciELO) e na Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).	Apos análise dos artigos, surgiram as categorias temáticas: Medidas de prevenção a violência obstétrica; Experiências com a prevenção da violência obstétrica e Conhecendo os fatores de risco para a violência obstétrica.
E2	Violência obstétrica: percepções de enfermeiros obstétricos em uma maternidade de Minas	MIRANDA et al., 2019. HU revista.	Identificar as percepções dos enfermeiros obstétricos acerca da violência obstétrica. Material e Métodos:	Estudo descritivo, exploratório de abordagem qualitativa, realizado em uma maternidade filantrópica de Belo Horizonte.	Emergiram duas categorias temáticas: percepções de enfermeiros obstétricos sobre a violência obstétrica; situações de violência obstétrica vivenciadas por enfermeiros obstétricos.
E3	Conhecimentos e experiências de violência obstétrica em mulheres que vivenciaram a experiência do parto	NASCIMENTO et al., 2019. Revista Enfermería Actual.	Averiguar o conhecimento de mulheres sobre a violência obstétrica e verificar as formas de violência obstétrica vivenciadas por mulheres durante o processo de parturição..	Trata-se de uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo, realizada com 20 parturientes em maternidade filantrópica baiana.	Os resultados apontam que a maioria das entrevistadas desconhece o termo violência obstétrica
E4	Violência obstétrica em serviços de saúde: constatação de	OLIVEIRA et al., 2019. Revista de enfermagem UERJ	Identificar na produção científica, práticas e atitudes pertinentes a assistência à saúde	Trata-se de uma revisão integrativa de literatura realizada nos bancos de dados SCIELO, LILACS e	Os 12 artigos analisados resultaram nas seguintes categorias: “Relações de poder e a violência impulsionada pelo gênero e pela

	atitudes caracterizadas pela desumanização do cuidado		da mulher no ciclo gravídico-puerperal que podem ser caracterizados enquanto violência obstétrica.	CINAHL nos meses de setembro a outubro de 2018.	classe”; “A relação profissional-paciente: Desumanização, medicalização e patologização do processo reprodutivo - a Violência Obstétrica
E5	Violência obstétrica: uma revisão integrativa	SOUZA et al., 2019. Rev enferm UERJ.	Revisar pesquisas brasileiras, identificando os tipos de violência obstétrica, possíveis causas observadas e o papel do enfermeiro nesse cenário.	Revisão integrativa realizada em 2018, com artigos brasileiros selecionados na Biblioteca Virtual em Saúde.	A violência obstétrica pode ser associada a: ofensa verbal e psicológica, expropriação do corpo feminino, privação de acompanhante, falta de informações, privação dos movimentos, banalização da dor e falta de privacidade.
E6	Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes	LANKS et al., 2019. Ciência & Saúde Coletiva.	Analisa o perfil e a experiência de parto de 555 mulheres que visitaram a exposição Sentidos do Nascer, durante a gestação, com enfoque na percepção sobre violência obstétrica.	Estudo transversal multicêntrico e multimétodos com componente quantitativo e qualitativo.	A violência obstétrica foi reportada por 12,6% das mulheres, associada ao estado civil, à menor renda, à ausência de companheiro, ao parto em posição litotômica, à realização da manobra de Kristeller e à separação precoce do bebê após o parto.
E7	Produção de conhecimento sobre violência obstétrica: O lado invisível do parto	CUNHA et al., 2020. Revista Nursing	Conhecer, através da revisão integrativa de literatura, a produção científica sobre violência obstétrica.	Trata-se de uma revisão integrativa de literatura	Evidenciou-se como fator predominante a formação dos profissionais de saúde e a negligência como parte estruturante no desenho atual da assistência.
E8	Violência obstétrica na percepção de puérperas	PASCAL et al., 2020. Revista Nursing	Analisar a percepção de puérperas a respeito da violência obstétrica em uma maternidade de um município paraibano	Trata-se de um estudo de campo, descritivo, com abordagem quantitativa.	Quanto á violência obstétrica, 79 relataram não conhecer o termo “violência obstétrica”; 126 puérperas expuseram que não receberam informações sobre violência obstétrica no acompanhamento do pré-

					natal, quando questionadas e 121 dessas não narraram nenhum episódio.
E9	Violência obstétrica e os cuidados de enfermagem: reflexões a partir da literatura	CASTRO et al., 2020. Enfermagem em foco.	Identificar na literatura científica o que aponta sobre a violência obstétrica e os cuidados de enfermagem para prevenção desta ocorrência.	Trata-se de uma revisão de integrativa	Constatou-se a ocorrência de humilhações no momento do parto e a realização de procedimentos desnecessários. O cuidado de enfermagem destaca-se na redução destes procedimentos invasivos, através de métodos não farmacológicos, o acolhimento digno, escuta ativa e apoio físico e emocional
E10	Violência obstétrica: fatores desencadeantes e medidas preventivas de enfermagem	SOUSA et al., 2021. Revista Nursing	Caracterizar os fatores que ocasionam a violência obstétrica e a importância da enfermagem no desenvolvimento de medidas preventivas.	Trata-se de uma revisão sistemática da literatura com metassíntese, com utilização do protocolo PRISMA.	O processo do parto é um acontecimento repleto de possíveis equívocos, condutas dolorosas e negligências, que podem gerar a violência obstétrica causando traumas físicos e psicológicos irreversíveis.
E11	Ampliando vozes sobre violência obstétrica: recomendações de advocacy para enfermeira(o) obstetra.	ZANCHETTA et al., 2021. Esc Anna Nery	Explorar as demandas das mulheres, bem como do público em geral, para melhorar a qualidade da assistência obstétrica; discutir as mudanças potenciais sugeridas pelos respondentes para tal prática assistencial.	Pesquisa multicêntrica realizada por meio da plataforma Opinio	A faixa etária era 33-37 anos, mulheres com mais de 15 anos de escolaridade, casadas e com um filho, revelaram lacuna de conhecimentos sobre a violência obstétrica e os direitos da mulher.
E12	Concepção das puérperas sobre violência obstétrica:	GOMES et al., 2021. Escola Anna Nery.	Descrever a concepção das puérperas sobre violência obstétrica.	Trata se de uma revisão integrativa de literatura.	Identificou que a maioria das puerperas desconhecem a violência obstétrica.

	revisão integrativa				
E13	Violência obstétrica à luz da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural	MELO et al., 2022. Revista Cuidarte Enare.	Analisar relatos de puérperas sobre violência obstétrica à luz da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural.	Estudo transversal, abordagem qualitativa.	A maioria eram jovens, casadas/união estável, primíparas e com parto vaginal. Observou-se ausência de conhecimento do parto/trabalho de parto; medo; violência perpetrada contra as mulheres resultantes da ausência de comunicação, desumanização, exposição do corpo e desconforto, repercutindo em cuidado fragilizado, com insatisfação frente ao serviço de saúde.
E14	Vivências sobre violência obstétrica: boas praticas de enfermagem na assistência ao parto.	NASCIMENTO et al., 2022. Revista Nursing.	Compreender o papel do enfermeiro na prevenção da violência obstétrica.	Pesquisa exploratoria e descritiva, com abordagem qualitativa.	Categorias que possibilitou discutir o enfretamento da violência, o papel da enfermagem e as praticas para tal prevenção.
E15	A assistência do enfermeiro à parturiente no contexto hospitalar: um olhar sobre a violência obstétrica	NASCIMENTO e SOUZA, 2022. REVISA.	Analisar a recorrência da violência obstétrica, elucidar a heterogeneidade deste tema, compreender o tratamento recebido pelas pacientes, e discorrer a visão da enfermagem frente à Violência obstétrica. Método:	Pesquisa descritiva.	Trata-se de qualquer ato exercido por profissionais da saúde no que cerne ao corpo, aos processos reprodutivos e ao psicológico das mulheres, exprimido através de uma atenção desumanizada, abuso de ações intervencionistas, medicalização e a transformação patológica dos processos de parturição fisiológicos.

Após análise sistemática do referidos artigos, emergiram as categorias temáticas: “Violência obstétrica praticado por profissionais durante parto”, “Assistência de enfermagem para a prevenção da a violência obstétrica e as lacunas existentes” e “Conhecimento de parturientes sobre a violência obstétrica”. A construção das categorias discutidas a seguir foram realizada através da leitura da essência do conteúdo e conclusões.

Categoria temática 1: Violência obstétrica praticado por profissionais durante parto.

Ao debater sobre a violência obstétrica podemos considerar que na maioria das vezes, esta violência tem origem nas relações que possam envolvem a desigualdade de gênero, principalmente das mulheres gestantes. No âmbito hospitalar, visa atenuar a violência obstétrica por meios das relações que podem ser estabelecidas entre profissionais de saúde e mulheres, principalmente no processo de parturição, porém o que mais se ver e é abordado em várias literaturas o emprego com tentativas de dominação do corpo feminino por meio de violência física, verbal e a privação do direito de escolha desta gestante em relação ao acompanhante, tipo de parto e posição.

Na pesquisa elaborada por Nascimento et al (2019) mostrou a vivência de violência obstétrica sofridas pelas mulheres no momento do parto, esta violência porvocada por meio dos comportamentos refletidos em palavras e expressões corporais que tinham a intenção de ridicularizar, humilhar e até mesmo ameaçar, causando danos psicológicos à mulher que podem ser irreparáveis. Além da inadequada assistência prestada por profissionais, como a falta de informações, a exclusão do acompanhante durante o parto, a amniotomia, que quase sempre está adjunta à administração de ocitocina, sem uma breve explicação, assim também como o excesso de exame de toque vaginal, além do preconizado pelo ministério da Saúde.

Corroborando com Oliveira et al(2019) que evidenciou em seu estudo a desumanização do cuidado do profissional de saúde, inclusive a enfermagem, para com as gestantes que buscaram atendimento na unidade de obstétrica, incluindo a indiferença destes profissionais, bem como pelo não fornecimento de orientações e privacidade, além do uso da medicalização sem aviso e consentimento prévio da parturiente ou responsável, bem como a violência de gênero demonstrada através do constringimento, violência física e verbal.

Semelhante aos estudos de Miranda et al (2019) no qual a violência verbal, foi identificada pelas participantes do estudo como uma violência obstétrica, caracterizada pelas palavras prejudiciais as quais possuíam a intenção de ridicularizar, humilhar e até ameaçar a parturiente, acarretando danos psicológicos irreparáveis para a mulher.

No estudo de Souza et al (2019) as parturientes relata que a violência obstétrica inicia desde o mau atendimento na recepção nos serviços de saúde, até a sua alta hospitalar. Dentre os diversos tipos de violência destacam: a desinformação sobre as intervenções realizadas, o desrespeito com suas expressões e sentimentos, a não apresentação dos profissionais à paciente, posturas agressivas e intimidadoras de alguns profissionais, restrição de acompanhante, uso de frases ofensivas, repreensões, ameaças contra as mulheres e seus bebês no momento do parto, sendo estas classificadas como violência verbal e psicológica, atreladas a estas a violência física, identificada como a contenção durante o parto, além da tricotomia, privação de alimento, administração deliberada de ocitocina, amniotomia precoce, adoção da posição supina, o incentivo a manobra de Valsalva, o Kristeller e a episiotomia.

Ja nos estudos realizados por Zanchetta et al (2021), apesar de caracterizar a violência obstétrica pelos abusos físicos, psicológicos e verbais somados ao estigma e à discriminação, assim como inobservância das práticas de alguns profissionais, geralmente do centro obstétrico, as puérperas declaram satisfação com a atuação da equipe de enfermagem, principalmente a dos enfermeiro(a)s no que concerne o serviço de acolhimento e assistência prestada a todo momento durante o parto até o momento da alta.

Toda violência obstétrica vivenciada por mulheres desde a sua gestação até o puerpério, pode influenciar negativamente para o desenvolvimento materno-infantil e principalmente na decisão de ter ou não outro filho. Uma assistência desqualificada reflete riscos para a saúde da mulher e do neonato, além de aumentar drasticamente os riscos de complicações no parto e pós-parto. Deste modo acredita-se que a Enfermagem Obstétrica venha a proporcionar inúmeras mudanças neste âmbito, tendo em vista que o papel fundamental deste profissional é a capacidade melhorar a assistência a parturiente e ao neonato.

Categoria temática 2: Assistência de enfermagem para a prevenção da a violência obstétrica e as lacunas existentes.

Diante das diversas práticas de violência obstétrica praticada por profissionais de saúde com a parturiente, cabe ao profissional de enfermagem a responsabilidade de realizar e expandir as demais colegas atuantes no setor da saúde, as boas práticas obstétricas durante o parto e o nascimento, no intuito de prevenir qualquer tipo de violência, fazendo-se importante um acolhimento digno e de respeito, assim como ouvir cada paciente e explicar todos os procedimentos que serão realizados, apoiando em todas as fases do parto, além de oferecer

condições adequadas de um ambiente calmo e acolhedor, para que a mulher sinta-se à vontade e segura.

No estudo desenvolvido por Castro e Rocha (2020), demonstra que o profissional de enfermagem pode desenvolver e promover boas práticas para evitar a violência obstétrica, podendo estas práticas ser adotadas desde as consultas de pré-natal com a orientação e esclarecimentos sobre os tipos de partos, os métodos não farmacológicos, demonstrando seus benefícios, para que assim a parturiente possa vivenciar o parto de forma humanizada, e os tipos de violência obstétrica, visto que muitas desconhecem esta temática. Durante o trabalho de parto o enfermeiro pode assegurar a redução de procedimentos invasivos, desde modo podendo oferecer o uso dos métodos não farmacológicos, explicando e esclarecendo dúvidas da parturiente sobre os procedimentos adotados.

Corroboram as pesquisas de Moura et al (2018) que além de elencar as práticas de assistência exposta no estudo de Castro e Rocha (2020) descrito anteriormente, a pesquisa evidenciou que a equipe de enfermagem pode promover a paciente o direito de acompanhante de sua escolha, garantir uma assistência pautada na equidade, orientar a mulher acerca dos direitos relacionados a maternidade e reprodução e investir em si mesmo, buscando constantemente atualizações e assim melhorando o seu trabalho.

Nos estudos descritivo de Nascimento e Souza (2022) ressalta que cada profissional de saúde que esteja ligado a gestante pode provocar algum tipo de violência obstétrica, principalmente o enfermeiro, alguns destes pelo fato do seu tempo de experiência e sua formação mais antiga, têm maior resistência em interpretar a Violência obstétrica como algo totalmente prejudicial e antiético. Cada enfermeiro pode interpretar e ter uma percepção diferente em relação a violência obstétrica, por isso se justifica a lacuna e dificuldade de evitar que a mulher sofra violência obstétrica, além de que a própria gestante desconhece este termo, principalmente sobre os direitos que ela tem, as leis e programas governamentais que a amparam, e ao que ela precisa ser submetida verdadeiramente durante a assistência a ela prestada no período gravídico-puerperal.

Corroboram com os estudos de Cunha et al (2020) e Nascimento et al (2022) os quais evidenciam que as categorias profissionais que mais promovem a violência obstétrica são os médicos e enfermeiros, sendo estes muitas vezes incentivados a promover o ato, através do ensino de práticas desnecessárias de intervenção terapêutica, sem indicação e sem o consentimento da usuária. A assistência humanizada por parte da enfermagem neste momento é essencial para garantir um parto seguro e contentamento da parturiente.

No estudo de Sousa et al (2021) elencam algumas medidas de assistência de enfermagem que podem ser usadas para a não ocorrência da violência obstétrica, por exemplo: esclarecer com uma linguagem acessível, procedimentos e ações; evitar técnicas invasivas não indicadas; saber ouvir a parturiente; evitar constrangimentos; possibilitar o direito de livre escolha; dar autonomia a mulher quanto aos seus direitos sexuais e reprodutivos; investir em aperfeiçoamento e boas práticas, assim assistindo a mulher de forma humanizada.

No que concerne à humanização do parto, este vai além apenas de proporcionar conforto e segurança a mulher no período de parto. Isto engloba uma assistência acolhedora, com contato humano, sabendo escutar a gestante, esclarecendo suas dúvidas, criando um vínculo com esta mulher e seus familiares, fazendo acontecer todos os direitos estabelecidos por lei. Para isto é necessário profissionais capacitados e devidamente preparados, qualificados e responsáveis que se comprometam no âmbito pessoal e profissional de assistir esta mulher em todas as etapas de sua gravidez.

Categoria temática 3: Conhecimento de parturientes sobre a violência obstétrica .

A violência obstétrica é considerada qualquer ato que afeta fisicamente, o emocional e o psicológico de uma mulher durante o período gravídico, parto e puerpério, podendo causar danos irreversíveis e assim influenciando negativamente para uma próxima gestação ou até mesmo para o andamento fisiológico e natural da gestação atual. Porém muitas mulheres desconhecem este termo e os tipos de violência obstétrica, sofrendo estas sem saber ao menos o que se trata, considerando assim atos e práticas de profissionais da saúde que lhe atendem como normais e de rotina.

Os estudos de Cunha et al(2020) mostram que, quanto mais jovem a mulher e sem instrução escolar, maior o risco de não reconhecer atos que sugiram a violência obstétrica. A etnia que mais sofre violência no parto é de mulher negra, em condição socioeconômica desfavorável. Entre as práticas de violência no parto mais relatado pelas mulheres foram: o uso de jargões pejorativos, opressão, gritos e humilhações.

Semelhante aos resultados da pesquisa de revisão integrativa elaborada por Gomes et al (2020) que identificou dentre os artigos haver conhecimento muito superficial o que se refere a violência obstétrica por parte das mulheres, pois a falta de conhecimento em saber o que é certo ou errado faz com que essas mulheres normalizem os atos praticados. A falta de informação durante o pré-natal é uma das causas principais, fazendo com que essa lacuna aumente a incidência e o risco de violência obstétrica.

Assim como nas pesquisas de Melo et al (2022) observou-se que frente à cultura, mulheres podem não se reconhecerem vítimas de violência devido a sua naturalização e muitas delas não terem o conhecimento prévio de seus direitos, principalmente as que buscaram ajuda nas unidades hospitalares, as de baixa renda e com nível de escolaridade inferior.

O desconhecimento da temática, a falta de fornecimento de informações básicas durante todo o período da assistência pré-natal, parto e pós-parto, por parte dos profissionais de saúde e as consequências de tais condutas foram fatores decisivos para compreender que a muitas das complicações e número de violência obstétrica tende a crescer.

Os dados mostrados na pesquisa de Pascal et al (2020) concerne com os dados anteriormente mencionadas, pois na sua pesquisa demonstra que muitas mulheres desconheciam a violência obstétrica, apesar de iniciarem pré-natal cedo, ou seja, antes dos 3 meses de gestação, porém estes foram classificados com baixa qualidade.

Diferentemente dos estudos de Lansky et al (2019) que destaca que apenas 12,6 % das 555 mulheres de seu estudo, demonstraram não saber do que se trata violência obstétrica, fato este justificado pela participação das gestantes na exposição Sentidos do Nascer, aumentando assim conhecimento das gestantes sobre esta violência.

Para que as mulheres compreendam a violência obstétrica, estas precisam de educação em saúde de qualidade desde o pré-natal, podendo ser durante as consultas individuais, até em atividades educativas com sala de espera ou em atividades de grupo. Porém é essencial que as mulheres aprendam informações pertinentes sobre a violência durante a gestação, para adentrarem nas maternidades e unidades hospitalares com conhecimento que lhes permitam serem de fato protagonistas do parto, pois a visão de mundo da puérpera pode apontar para uma necessidade de atenção extrema no que se refere a violência obstétrica, seja qual for o ambiente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos supracitados, foi possível compreender que o conceito de violência obstétrica é muito mais amplo, envolve desde aspectos físicos e psicológicos, até o ambiente estrutural que receberá a mulher. Com isso o estudo permitiu analisar a ocorrência da violência obstétrica acometida por profissionais da saúde contra as gestantes que procuram o serviço hospitalar no Brasil, assim também conhecer o papel da enfermagem e quais ações que possibilitam para a redução desta violência. Além de analisar a percepção e conhecimento da mulher em relação a esta temática.

De acordo com a pesquisa a violência obstétrica pode ser praticada por qualquer profissional e de diferentes maneiras, tais como: verbal, com palavras escruculadas e jargões desrespeitosos; a física, impondo a mulher posições desconfortáveis e psicológicas, com atitudes que as menosprezem e ridicularizem, além de uma assistência deficiente e tomada por insatisfação das gestantes e familiares.

A enfermagem pode adotar e praticar ações que venha a minimizar a violência obstétrica sofrida pelas parturientes, tais como: orientar gestantes sobre o processo de parto e seus direitos durante as consultas de pré-natal, abordar os benefícios do uso de métodos não farmacológicos durante a parturição, informar sobre todos os procedimentos e condutas que serão tomadas durante o parto, esclarecer dúvidas e respeitar a vontade da gestante. As dificuldades encontradas para uma assistência satisfatória se dar pelo fato de longo tempo de experiência de muitos profissionais que normalizam os atos de violência obstétrica, tornando-os comuns na sua prática, além do despreparo e falta de capacidade de profissionais que atendem estas gestantes durante o pré-natal.

De acordo com o presente estudo muitas parturientes desconhecem o termo de violência obstétrica, assim passando despercebidas por muitas delas e tornando naturais os atos praticados por profissionais. Porém cabe a enfermagem o papel de orientar, repassar informações e mobilizar ações educativas a fim de aprimorar esta temática entre as gestantes., visto que o enfermeiro é o promotor de saúde, devendo este honrar seu juramento e proporcionar a essência de sua profissão: cuidar do ser humano por inteiro, de forma holística.

A vasta e ampla literatura disponível nas bases de dados pesquisadas em relação à temática, discutida na presente pesquisa possibilitou um aprofundamento do tema baseado na literatura pertinente. Desse modo espera-se que o presente estudo venha a contribuir e colaborar para novos estudos, e para a percepção da importância de uma assistência obstétrica

respeitosa e baseada em evidências científica, a fim de incentivar um novo olhar baseado também na humanização.

Diante de todo o assunto explanado no presente estudo, se faz necessário mudança significativa na assistência prestada a gestante e parturiente, sendo esta dotada de respeito e humanização. As instituições de saúde precisam se adequar para o acolhimento desta mulher e familiares, a fim de proporcionar um ambiente seguro, para que a mulher sinta a protagonista de seu parto. Os profissionais de enfermagem, principalmente deve ser capacitados para prestar uma assistência holística baseada sobre tudo em evidências científicas que possibilitem a troca de informações precisas e seguras, além da necessidade de orientar as mulheres desde o pré-natal sobre diferentes temáticas, inclusive a violência obstétrica e seus variados tipos, assim como seus direitos diante da legislação. Com isso, é importante despertar a humanescência nos profissionais de saúde, valorizando a essência humana, olhar a parturiente como um todo, respeitando suas emoções e dores durante o parto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERNAZ, Isadora. As investigações apontaram que o médico aplicou provável sedação 7 vezes na vítima. **Médico Giovanni Quintella é indiciado por estupro de vulnerável**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/07/5023667-medico-giovanni-quintella-e-indiciado-por-estupro-de-vulneravel.html>. Acesso em: 29 out. 2022.

ALVES, BEATRIZ PEREIRA. Violência Obstétrica. **AÇÕES EDUCATIVAS PARA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA PESQUISA-AÇÃO**, UFGC, 2020. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/19245/BEATRIZ%20PEREIRA%20ALVES.%20TCC.%20BACHARELADO%20EM%20ENFERMAGEM.2020.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 29 out. 2022.

ALVES, Isabella. Direitos das Gestantes. **Violência Obstétrica**, JusBrasil, 2018. Disponível em: <https://isbellacalves.jusbrasil.com.br/artigos/685897387/violencia-obstetrica-saiba-quais-sao-os-direitos-da-gestante>. Acesso em: 20 out. 2022.

CARREIRO , Inara Mattos; ANDRADE , Kelly Gomes Messias. Conhecimento das mulheres sobre violencia obstetrica. Conhecimento das mulheres sobre violencia obstetrica a busca pelo conhecimento que pode mudar a realidade, **REINPEC**, 2022.

CASTRO, Antônia Tainá Bezerra; ROCHA, Sibeles Pontes. Violência obstétrica e os cuidados de enfermagem: reflexões a partir da literatura. **Enferm. Foco** 2020; 11 (1): 176-181.

CERQUEIRA, A. C. D. R.; CARDOSO, M. V. L. M. L.; VIANA, T. R. F.; LOPES, M. M. C. O. Revisão integrativa da literatura: sono em lactentes que frequentam creche. **Revista Brasileira de Enfermagem** [Internet]. 2018;71(2):424-30. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0480>.

CUNHA, Adriana Loureiro da; HENRIQUES, Rafaela Batista Lopes; SILVA, Thuane Rodrigues Donato da; SILVA, Maria Regina Bernardo da; TERTULLIANO, Kátia; SILVA, Halene Cristina Dias de Armada. Produção de conhecimento sobre violência obstétrica: O lado invisível do parto. **Revista Nursing**, 2020; 23 (260): 3529-3532

DEUS, Lara. Enfermagem. **Violência obstétrica**, 2019. Disponível em: <https://www.minhavidacom.br/materias/materia-18807>. Acesso em: 9 nov. 2022.

FALCÃO, JORDANA RESENDE. VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA, PARTO HUMANIZADO E O SISTEMA JURÍDICO BRASILEIRO. **Uma análise a partir da perspectiva da trilogia “O Renascimento do Parto”**, Repositório Institucional, 2021. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19761/2/TCCG%20-%20Direito%20-%20Jordana%20de%20Resende%20Falc%C3%A3o%20-%202021.pdf>. Acesso em: 2 set. 2022.

GOMES, Amanda de Alencar Pinheiro; GOMES, Reinara Meires; SIMÕES, Jessica dos Santos; SIMÕES, Aline Vieira; VILARA, Amanda Mesquita Pita; SANTOS, Ninallva de Andrade; MACHADO, Juliana Costa; RODRIGUES, Vanda Pamarella. Concepção das puerperas sobre violência obstétrica: revisão de literatura. **Revista Nursing**. 2022.25(292); 8592-8597.

GRINBERG, Felipe. Anestesiista preso por estupro pode ter atuado antes de concluir curso. **Violência obstétrica**, EXTRA, 2022. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/anestesiista-presos-por-estupro-pode-ter-atuado-antes-de-concluir-curso-25582767.html>. Acesso em: 25 out. 2022.

LANKS, Sônia; SOUZA, Kleyde Ventura de; PEIXOTO, Eliane Rezende de Moraes; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson; DINIZ, Carmen Simone Grilo; VIEIRA, Nayara Figueiredo Vieira; CUNHA, Rosiane de Oliveira; FRICHE, Amélia Augusta de Lima. Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, 24(8):2811-2823, 20. DOI: 10.1590/1413-81232018248.30102017

LEAL, Sarah Yasmin Pinto. Violência Obstétrica. Vera Lúcia de Azevedo Lima, Andrey Ferreira da Silva, Patrícia Danielle Feitosa Lopes Soares, Luzia Ribeiro Santana, Álvaro Pereira. **PERCEPÇÃO DA ENFERMEIRA OBSTETRA ACERCA DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA**, BIBLIOTECA DIGITAL DE PERIÓDICOS, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/52473>. Acesso em: 10 out. 2022.

MARQUES, Silvia Badim. Yaná Tamara Tomasi Suelen dos Santos Saraiva Antonio Fernando Boing Daniela Savi Geremia. Violência obstétrica no Brasil: um conceito em construção para a garantia do direito integral à saúde das mulheres. **Violência obstétrica no Brasil: um conceito em construção para a garantia do direito integral à saúde das mulheres**, [s. l.], 2020.

MARQUES, Bruna Leticia. Guidelines to pregnant women: the importance of the shared care in primary health care. **Orientações às gestantes no pré-natal: a importância do cuidado compartilhado na atenção primária em saúde**, SCIELO, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/hR4MwpCd88cvTfs9ksLJGFs/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

MELO, Bruna Larisse Pereira Lima; MOREIRA, Felice Teles Lira dos Santos; ALENCAR, Rayane Moreira de; MAGALHÃES, Beatriz de Castro; CAVALCANTE, Edilma Gomes Rocha; MAIA, Evanira Rodrigues; ALBUQUERQUE, Grayce Alencar. Violência obstétrica à luz da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural. **Revista Cuidarte**. 2022;13(1):e1536. <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.1536>

MENEZES, Fabiana Ramos de. Gabriela Maciel dos Reis Aline de Abreu Silvestre Sales Danubia Mariane Barbosa Jardim Tatiana Coelho Lopes. The obstetric nursing residents' view on obstetric violence in institutions. **O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições**, SCIELO, 2019. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/icse/2020.v24/e180664/>. Acesso em: 10 out. 2022.

MIRANDA, Flávia Lima; VELLOSO, Geisa Sereno; LIMA, Patrícia de Oliveira; RANGEL, Sirleide Corrêa; ALMEIDA, Herlon Fernandes de; PINHEIRO, Marcos Luciano Pimenta; COSTA, Leticia Neves Vieira. Violência obstétrica: percepções de enfermeiros obstétricos em uma maternidade de Minas Gerais. **HU Rev**. 2019; 45(4):13-21. DOI: 10.34019/1982-8047.2019.v45.27899

MOURA, Rafaela Costa de Medeiros; PEREIRA, Thayná Fonseca; REBOUÇAS, Felipe Jairo; COSTA, Calebe de Medeiros; LERNANDES, Andressa Mônica Gomes; SILVA, Luzia

Kelly Alves da; ROCHA, Karolina de Moura Manso da. Cuidados de enfermagem na prevenção da violência obstétrica. **Enferm. Foco** 2018; 9 (4): 60-65

NASCIMENTO, Samilla Leal do; PIRES, Vilara Maria Mesquita Mendes; SANTOS, Ninalva de Andrade; MACHADO, Juliana Costa; MEIRA, Leila Silva; PALMARELLA, Vanda Palmarella Rodrigues. Conhecimentos e experiências de violência obstétrica em mulheres que vivenciaram a experiência do parto. **Revista Enfermería Actual**. Edición Semestral N°. 37, Julio 2019 – Diciembre 2019 | ISSN 1409-4568 |.

NASCIMENTO, Raphaela Correia do; SOUZA, Ana Carolina Ferreira de Souza. A assistência do enfermeiro à parturiente no contexto hospitalar: um olhar sobre a violência obstétrica. **REVISA**. 2022; 11(2): 149-62. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v11.n2.p149a162>

NASCIMENTO, David Ederson Moreira de; BARBOSA, Jessiane Caetano; ISAIAS, Bruno Barreto; NASCIMENTO, Renato Bruno Holanda; FERNANDES, Emmanuel Martins; NETO, Raimundo Tavares de Luna. Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto. *Revista Nursing*.2022: 25 (291);8242-8247.

NERY, Vanilde Pereira; LUCENA, Glaucia Pereira de. Violência Obstétrica. **Principais Tipos de Violências Obstétricas Sofridas pelas Parturientes**, UNIFACIPLAC, 2018.

Disponível em:

https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/123456789/92/1/Vanilde%20Nery_0006985.pdf.

Acesso em: 1 set. 2022.

OLIEVIRA, Larissa Lages Ferrer de; TRINDADE, Ruth França Cizino da; SANTOS, Amuzza Aylla Pereira dos; ARAUJO, Bárbara Régia Oliveira de; PINTO, Laura Maria Tenório Ribeiro; SILVA, Lucas Kayzan Barbosa da. Violência obstétrica em serviços de saúde: constatação de atitudes caracterizadas pela desumanização do cuidado. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2019; 27:e38575 p.1 DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2019.38575>.

PASCOAL, K.C.F.; FILGUEIRAS, T.F.; CALVALHO, M.A.; CANDEIA, R.M.S.; PEREIRA, J.B.; CRUZ, R.A. Violência obstétrica na percepção de puérperas. **Revista Nursing**. , 2020; 23 (265): 4221-4226 DOI: <https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i265p4221-4232>

<https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i265p4221-4232>

RODRIGUES, Karine. Tese faz análise histórica da violência obstétrica no Brasil. **Violência obstétrica**, Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/tese-faz-analise-historica-da-violencia-obstetrica-no-brasil#:~:text=No%20Brasil%2C%20estudo%20da%20Funda%C3%A7%C3%A3o,figuram%20como%20os%20mais%20frequentes>. Acesso em: 10 out. 2022.

<https://agencia.fiocruz.br/tese-faz-analise-historica-da-violencia-obstetrica-no-brasil#:~:text=No%20Brasil%2C%20estudo%20da%20Funda%C3%A7%C3%A3o,figuram%20como%20os%20mais%20frequentes>. Acesso em: 10 out. 2022.

SANDIM, NATÁLIA FERRARI DE CARVALHO. NÍVEL DO CONHECIMENTO DAS MULHERES ACERCA DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA. **NÍVEL DO CONHECIMENTO DAS MULHERES ACERCA DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA**, [s. l.], 2017.

SANTANA SILVA, Priscilla; CORRÊA RAMOS, ANA CLARA. A RESPONSABILIDADE CIVIL POR VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA. **O caso da episiotomia no Brasil**, Repositório

Institucional, 2020. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/9598>. Acesso em: 1 out. 2022.

SECRETARIA DE SAÚDE (Brasil). Governo do estado do Goiás. Enfermagem. **Pré-Natal**, Secretaria de Estado de Saúde, 2019. Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/biblioteca/7637-pr%C3%A9-natal#:~:text=Frequ%C3%Aancia%20e%20periodicidade%20adequadas%20E2%80%93%20%C3%A9,e%20de%20todo%20o%20Pa%C3%ADs>. Acesso em: 2 out. 2022.

SILVA, Bruna Natielle. **VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA PERCEPÇÃO DA ENFERMAGEM: REVISÃO INTEGRATIVA. VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA PERCEPÇÃO DA ENFERMAGEM: REVISÃO INTEGRATIVA**, Núcleo do Conhecimento, 2020.

SOUSA, L. M.; VIEIRA, C. M. A. M.; SEVERINO, S. S. P.; ANTUNES, A. V. A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. **Revista Investigação em Enfermagem**, v. 2. n.21, p.1-48.2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/321319742>.

SOUSA, M.P.V.; SANTOS, L.S.A.; CALDAS, G.R.F.; BATISTA, F.A.M.; LOPES DA SILVA, C.R. Violência obstétrica: fatores desencadeantes e medidas preventivas de enfermagem. **Revista Nursing**, 2021; 24 (279): 6015-6019. 2021DOI: <https://doi.org/10.36489/nursing.2021v24i279p6015-602>.

SOUZA ACAT, LUCAS PHCS, LANA TC, LINDNER SR, AMORIM T, FELISBINO-MENDES MS. Violência obstétrica: uma revisão integrativa. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2019; 27: e45746 p.4DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2019.45746>
PIMENTEL, Sílvia. Violência Obstétrica. **Convenções de direitos humanos sobre direitos da mulher**, PUC-SP, 2022. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/527/edicao-1/convencoes-de-direitos-humanos-sobre-direitos-da-mulher-#:~:text=A%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20a%20Elimina%C3%A7%C3%A3o,os%20direitos%20humanos%20das%20mulheres>. Acesso em: 20 out. 2022.

ZANCHETTA, Margareth Santos ; SANTOS, Walterlânia Silva; SOUZA, Kleyde Ventura de; PINA, Vanessa Rodrigues; HWU, Hilary; STAHL, Hannah ; ARGUMEDO-STENNER, Hannah; OSEI-BOATENG Juliet; ZIMMERMAN,Rebecca; PENA, Érica Dumont; CABRAL, Ivone Evangelista; CARVALHO, Ana Luiza de Oliveira; PEREIRA, Audrey Vidal; VIEIRA, Bianca Dargam Gomes;ALVES, Valdecyr Herdy; FELIPE, Ingridy Cunha Ventura; GURUGE, Sepali; AMANT, Oona St, COSTA, Edwaldo; ESCOBAR, Haydée Padilla. Ampliando vozes sobre violência obstétrica: recomendações de advocacy para enfermeira(o) obstetra. **Esc Anna Nery** 2021;25(5):e20200449DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0449>.